

AS TOURADAS NA CIDADE DA BAHIA: TRANSIÇÕES NA DINÂMICA PÚBLICA SOTEROPOLITANA

Victor Andrade de Melo¹

Coriolano Pereira da Rocha Junior²

RESUMO: No Rio de Janeiro, em Porto Alegre e em São Paulo, a organização de touradas teve forte relação com os diferentes tempos de adesão ao ideário e imaginário da modernidade. Como isso ocorreu em Salvador? Embora existam registros sobre a prática na cidade, trata-se de abordagens restritas sobre o tema. Este estudo tem por objetivo discutir a experiência das corridas de touros promovidas em Salvador. Argumentamos que esses eventos são indicadores de transições na dinâmica pública soteropolitana. Para alcance desse intuito, trabalhamos com obras de memorialistas e periódicos publicados na cidade no século XIX e primeira década da centúria seguinte. Mesmo com intensidade menor do que em outras localidades, as touradas foram para Salvador uma importante prática cultural constituindo-se em um teatro público no qual se delinearam os distintos lugares e comportamentos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Touradas. História do Lazer. História do Esporte.

ABSTRACT: *Bullfighting in the Bahia city: transitions in Salvador public dynamic.* In Rio de Janeiro, Porto Alegre and São Paulo, bullfights had a strong relationship with the different times of adhesion to the ideas of modernity. How would it have occurred in Salvador? Although there are records about the existence of bullfighting in this city, they are restricted approaches. This study aims to discuss the experience of bullfighting promoted in Salvador. We argue that they were indicators of the city public dynamic. To reach this aim, we work with books of memorialists and newspapers published in the 19th century and the first decade

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em História Comparada/ Universidade Federal do Rio de Janeiro.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação/Universidade Federal da Bahia.

of the 20th century. Even with less intensity than in other towns, the bullfights were to Salvador an important cultural practice, constituting a public theatre in which were marked the different social places.

KEYWORDS: Bullfighting. Sport History. Leisure History.

1 Introdução

Durante muitos anos, Salvador ocupou uma posição de destaque no Brasil. A “cidade da Bahia”, em função de sua posição geográfica estratégica, fora escolhida como sede administrativa da colônia, entretanto a descoberta de metais preciosos nas Minas Gerais e os conflitos na região sul acabaram por determinar, em 1763, a transferência da capital para o Rio de Janeiro.

Essa mudança abalou profundamente a cidade. De acordo com Leite, Rocha Junior e Santos (2010), no decorrer do século XIX e no início do XX, Salvador estagnou-se, perdendo poder e capacidade de influência.

a Bahia, que durante muito tempo estivera na primeira ou segunda posição de maior produtora das riquezas nacionais e importância econômica, chegou ao período da nossa abordagem abaixo de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Pernambuco em desenvolvimento material (p. 215).

De toda forma, mesmo que em ritmo menor do que se pode perceber em outras cidades, Salvador passou por algumas mudanças no decorrer do século XIX, inclusive em função da presença de estrangeiros que, por lá instalados, ocuparam importantes posições em diversos âmbitos.

Os ingleses controlavam o setor financeiro, as empresas de exportação e importação, bem como os serviços urbanos. Os portugueses, mesmo com a independência, continuaram chegando e se estabelecendo. Atuavam notadamente no ramo do comércio (MATTOSO, 1978), misturando-se com a população local, não poucas vezes casando com brasileiras (PINHEIRO,

2011). Já os espanhóis, normalmente oriundos da região da Galícia, mantiveram-se mais isolados, ainda que trabalhassem, como os lusitanos, no setor comercial (OLIVEIRA, 2002). Os três grupos também estiveram envolvidos com os primórdios da indústria soteropolitana.

Deve-se ter em conta os limites da influência desses estrangeiros. Convém lembrar que Salvador, a capital e o principal porto da província da Bahia, convivia com as lideranças políticas ligadas às atividades agrícolas, oriundas do interior, especialmente do Recôncavo Baiano, cujo poder era claramente perceptível no espaço urbano.

a cidade real ancora-se ainda e no entanto numa cidade eminentemente colonial. Tímida em suas características físicas, acanhada em sua economia urbana, dominada pelo espaço privado, gerida por precária estrutura administrativa e dependente do braço escravo para o seu funcionamento, ela é parte e condição da sociedade colonial e escravista (GOMES, FERNANDES, 1992, p. 56).

Em função dessas peculiaridades, se compararmos Salvador com algumas outras cidades, podemos perceber diferenças no que tange à adesão a ideias de modernidade. No Rio de Janeiro, já em meados dos anos 1800, houve grande entusiasmo com as novidades que vinham do continente europeu; as pessoas valorizavam as noções de progresso e civilização. Em Porto Alegre, também se pode identificar grande circulação desses ideais já na segunda metade dos Oitocentos. Em São Paulo, esse processo foi um pouco mais tardio e melhor perceptível na transição dos séculos XIX e XX. Na capital soteropolitana, isso ocorreu ainda mais tarde, tornando-se concreto somente a partir da década de 1910 (LEITE, 1996).

Estudos de Melo (2013a), Karls e Melo (2014), Pereira (2012) e Santos e Melo (2014) demonstram que a organização das touradas no Rio de Janeiro, Porto Alegre e São Paulo teve forte relação com os diferentes tempos de adesão ao ideário e imaginário da modernidade. Como isso teria ocorrido em Salvador?

Alguns memorialistas registraram a existência da prática na capital soteropolitana, mesmo que não fosse de forma totalmente contínua, em um período que vai do século XVI até o início do XX. Segundo Silva (1957), “a tauromaquia, antiquíssima em nosso meio, porque praticada desde os primeiros tempos [...], representou assim e durante três centúrias seguidas, o seu principal divertimento” (p. 19)³.

Trata-se de importantes registros, mas também de abordagens restritas sobre o tema. Assim sendo, tendo em conta a aparente importância da prática na cidade, este estudo tem por objetivo discutir a experiência das corridas de touros promovidas em Salvador. Argumentamos que esses eventos são indicadores de transições na dinâmica pública soteropolitana. Para alcance desse objetivo, trabalhamos com obras de memorialistas e periódicos publicados na capital da Bahia no século XIX e primeira década da centúria seguinte, tendo em conta as observações e sugestões de Luca (2005) para tratar a imprensa como fonte de investigações históricas.

Entre os periódicos utilizados, destacamos três. A *Idade D'Ouro do Brasil*, primeiro jornal de Salvador, foi editado por Manuel Antônio de Castro, entre 1811 e 1823. Esse jornal foi de grande importância não só por inaugurar a imprensa local, mas também por registrar algo do cotidiano da cidade. A *Gazeta da Bahia*, publicada entre 1879 e 1890, ligada ao Partido Conservador, também dedicava alguma atenção às mudanças observáveis na capital soteropolitana. A *Revista do Brasil* circulou entre 1906 e 1912, liderada por José Alves Requião, já incorporava algumas “modernidades”; era inclusive inspirada em *O Malho*, uma das mais importantes publicações do Rio de Janeiro e do Brasil à época.

É possível perceber que, a exemplo de outras cidades, ainda que com peculiaridades, as touradas adotaram três formatos distintos no decorrer de sua história em Salvador, correspondente a diferentes períodos históricos, bem como a distintas dinâmicas públicas. Discutamos o primeiro modelo/momento.

³ Ott (1955) e Brandão (1958) também registraram a organização de touradas em Salvador.

2 Primeiro momento: o modelo estatal

Bem precocemente registrou-se a realização de touradas em Salvador. Ao descrever o sítio principal do seu núcleo urbano no século XVI, Sousa, em relato do ano de 1587, sugeriu: “Está ao meio desta cidade uma honesta praça, em que se correm touros quando convém” (1987, p. 134).

No período colonial, assim como em muitas cidades do Império português, em Salvador as touradas eram promovidas como parte importante da programação das festividades destinadas a comemorar datas importantes da família real ou da administração local. Segundo Silva (1957),

a tauromaquia se arraigou de forma tal em nossos costumes, integrando-se de tal jeito em nossos hábitos, que toda solenidade oficial de primeira linha, ascensões régias, desposórios principescos, assinaturas de tratado, vitórias militares, obrigavam, número alto do programa comemorativo, uma corrida de touros (p. 20).

Eram ocasiões em que se procurava conformar publicamente a hierarquia do Império, reforçando-se laços simbólicos julgados fundamentais para a sua manutenção, inclusive no que tange às relações entre a metrópole e as colônias (MELO, 2013b).

Ao analisar as festividades de despedida da infanta D. Catarina, em função de seu casamento com Carlos II (rei da Inglaterra e Escócia), realizadas em Lisboa, em 1662, Ferreira (2010) percebe que as touradas eram “praticadas pela aristocracia lusa”, sendo “uma ocasião privilegiada para esse grupo social exibir não só destreza, como ostentação de riqueza pelas vestimentas e ajaezamento dos cavalos” (p. 58). Tratava-se de conformar o poder dos dirigentes por meio de dupla exibição: da pujança econômica e das proezas heroicas.

Essas festividades de 1662 foram também promovidas em Salvador, sendo inclusive organizadas touradas. O mesmo ocorreu nas celebrações realizadas, em 1760, em virtude do casamento da Princesa do Brasil, D. Maria (futura rainha de Portugal), com seu tio, D. Pedro de Bragança (CONDE, MASSIMI, 2008). Segundo

Silva, “durante três tardes seguidas, as de domingo, de segunda e terça-feira, que foram 16, 17 e 18 de outubro de 1760, o povo apinhado ao Terreiro vibrou de entusiasmo, palmejando os lances arriscados deste esporte sangrento e bárbaro” (1957, p. 20).

De acordo com Silva (1957), as touradas, que eram a princípio promovidas na Praça do Palácio (atual Tomé de Souza), naquele momento passaram a ser organizadas em outra importante parte da cidade, situada nas redondezas da anterior, um dos seus sítios principais à época.

construiu-se, (...), no Terreiro de Jesus, um espaçoso curro rodeado de assento para o povo, levantando-se, ainda, na Catedral, um palanque com dois andares destinado ao Primeiro Governador e à nobreza, e o segundo aos clérigos e às pessoas de distinção (SILVA, 1957, p. 20).

As corridas de touros, portanto, atraíam os populares e as elites, sendo realizadas na mais importante região da Salvador daquele momento, a Cidade Alta: “centro administrativo, político e religioso da cidade. Desde sua fundação os principais edifícios públicos e religiosos localizam-se ali” (PINHEIRO, 2011, p. 179). Antecipando o que no século XX seriam os estádios esportivos, as arenas de touradas eram um grande teatro que permitia aos mais poderosos serem reconhecidos ao desfilarem seus sinais de *status* e distinção.

Essa dinâmica pode ser observada nas festas realizadas, em outubro de 1817, para comemorar o casamento do Príncipe D. Pedro de Alcântara, futuro primeiro imperador do Brasil, com a austríaca D. Carolina Josefa Leopoldina. Assim como ocorrera em celebrações semelhantes promovidas no Rio de Janeiro (MELO, 2013b), as touradas estiveram entre os espetáculos mais procurados, sendo em Salvador organizadas em um novo redondel, instalado nas proximidades do centro histórico, em uma região que fora um pasto de animais e começava a ser mais ocupada por residências, na época conhecida como Campo de São Pedro, o atual Campo Grande.

Depois de nosso reconhecimento religioso feito ao Altíssimo na Catedral, seguiram-se iluminações brilhantes, ricas e engraçadíssimas farsas por todas as ruas, cantorias noturnas e o repetido espetáculo dos touros no espaçosíssimo e magnífico curro do Forte de S. Pedro, que atraiu o maior concurso de povo que se tem visto nessa cidade⁴.

Essa praça de touros também acolheu as festas promovidas, no mesmo mês de outubro, para comemorar a aclamação de D. João VI. Percebe-se que havia uma boa estrutura de organização e um público fiel. Os administradores chegaram a solicitar que os proprietários de camarotes identificassem suas chaves, para que fossem evitados problemas de ocupação indevida⁵. Pela notícia, podemos notar que eram disponibilizados, no mínimo, 50 desses espaços, o que nos faz crer que a arena não era pequena.

Não era fácil, todavia, organizar as touradas com as condições da época. Os promotores tinham que dar conta de múltiplos aspectos, como, por exemplo, conseguir animais adequados. Para tal, comunicaram que ofereceriam 50\$000 réis para cada touro que fosse cedido ao espetáculo, desde que recebesse aplausos do público⁶.

Esse tema é recorrente na trajetória da tauromaquia no Brasil. Um dos elementos que atrapalhou a manutenção da prática no país: a dificuldade de conseguir animais com as características adequadas para garantir a emoção que a assistência esperava. De toda forma, mesmo com esse e outro empecilhos, percebe-se que os eventos tauromáquicos seguiam agradando a população soteropolitana nas décadas iniciais do século XIX, usualmente tendo que ser realizadas várias funções para atender a todos interessados.

Não sabemos quanto tempo essa arena ficou montada, mas identificamos que cerca de um ano depois ainda acolhia espetáculos. Em outubro de 1818, anunciou-se a apresentação da Companhia de Dançarinos Ingleses, um misto de dança, teatro

⁴ Idade D'Ouro do Brasil, Salvador, 3 de outubro de 1817, p. 1.

⁵ Idade D'Ouro do Brasil, Salvador, 24 de outubro de 1817, p. 4.

⁶ Idade D'Ouro do Brasil, Salvador, 10 de outubro de 1817, p. 4.

e acrobacia⁷. Não temos como precisar, mas é possível que se trate da Companhia Inglesa de Cavalinhos, liderada por Mr. e Mrs. Southby, a mesma que começaria a se apresentar em dezembro do mesmo ano no Rio de Janeiro (MELO, PERES, 2014).

Como também ocorrera na sede da Corte, tratava-se de um momento em que se iniciava a transição de um modelo, em que a praça de touros era construída por decisão do Estado, por ocasião de datas festivas e com entradas gratuitas para a população, para outro, de caráter empresarial, em que a programação não seguia exatamente as celebrações governamentais, devendo o público interessado comprar bilhetes para assistir às funções⁸.

3 Segundo momento: um modelo empresarial

Nas cidades já investigadas e citadas (Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo), demorou algum tempo para o modelo empresarial de touradas se consolidar. Esse processo se deu *pari passu* com a estruturação de um mercado ao redor dos entretenimentos públicos, o que se relacionou mesmo com a adesão às ideias de modernidade. Em Salvador, parece ter ocorrido algo similar.

Depois de extinta a praça de touros do Forte de São Pedro, ainda na primeira metade do século XIX, a cidade parece ter acolhido alguns eventos tauromáquicos. Por exemplo, vemos anunciado no Correio Mercantil, em 1848:

acha-se pronto o círculo para o divertimento dos touros, construído pelo diretor e toureador D. João Martins França, bem conhecido neste império por seus trabalhos; tencionando dar princípio à primeira corrida por touro, neste mês de outubro, participa ao respeitável publico que logo que cheguem os touros anunciará o

⁷ Idade D'Ouro do Brasil, Salvador, 2 de outubro de 1818, p. 4.

⁸ No caso de Salvador, naqueles anos finais da década de 1810, as entradas foram vendidas na loja de José da Silva Dias, importante e politicamente ativo comerciante.

dia desse trabalho, que sempre foi aplaudido em todos os lugares onde se tem apresentado⁹.

É somente a partir dos anos finais da década de 1870 que se percebe uma maior atenção à prática, inclusive com a difusão de informações sobre as corridas de touros promovidas em outros países, notadamente na Espanha, eventos realizados em Madrid¹⁰, Sevilha¹¹ e Cádiz¹². Há também anúncios de touradas organizadas em outras cidades brasileiras, como Rio de Janeiro¹³, São Paulo¹⁴ e Recife¹⁵. Nesse último caso supostamente a primeira vez que ocorriam na capital pernambucana.

Uma nova dinâmica na promoção de touradas somente se consolidou a partir de dezembro de 1883. Um anúncio convocou a população para a estreia de uma companhia tauromáquica que se apresentaria em uma praça construída na Rua Ferreira França¹⁶. O curro estava instalado no bairro Politeama, entre os Barris, o Campo Grande, o Canela e a Vitória, local próximo ao Forte de São Pedro. Essa região já estava sendo ocupada tanto pelas antigas elites, que deixavam o centro histórico em busca de local mais aprazível para viver, quanto pelos novos ricos do ramo do comércio, notadamente estrangeiros.

Liderava a iniciativa um dos grandes personagens da história da tauromaquia nacional: Francisco Pontes, misto de toureiro e empresário que atuou e se tornou reconhecido no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Porto Alegre, bem como em muitas outras localidades do país. Certamente foi o mais importante artista das touradas no Brasil promovidas no século XIX, por sua capacidade de organizar bons espetáculos, por sua *performance* notável nas

⁹ Correio Mercantil, Salvador, 3 de outubro de 1848, p. 3.

¹⁰ O Monitor, Salvador, 15 de janeiro de 1878, p. 2.

¹¹ O Monitor, Salvador, 8 de maio de 1881, p. 2.

¹² O Guarany, Salvador, 31 de dezembro de 1884, p. 1.

¹³ O Monitor, Salvador, 13 de novembro de 1877, p. 2.

¹⁴ O Monitor, Salvador, 28 de novembro de 1887, p. 2.

¹⁵ O Monitor, Salvador, 3 de janeiro de 1877, p. 2.

¹⁶ Gazeta da Bahia, Salvador, 15 de dezembro de 1883, p. 2.

arenas e por ser um cavalheiro admirado por onde passava.

Como de costume, Pontes anunciou seus espetáculos com trovas que visavam criar expectativas no público:

Quem quiser a tauromaquia admirar
Tudo que a mesma tem de perfeição
Não só do artista como bravos touros
Aparece-se a gozar essa função

Os artistas verão hão de exceder-se
Na bravura os touros hão de espantar
Da corrida afinal pode dizer-se
Há de todos por certo entusiasmar¹⁷.

Pontes levou uma equipe completa para Salvador. Nos primeiros espetáculos, contudo, ele não se apresentou na arena, deixando a direção para um de seus colaboradores mais constantes, Francisco Erades, o Gangrena. Entre os toureiros, muitos já tinham se consagrado em outras cidades, como João Vieira e Joaquim José Leite de Vasconcelos. Os moços do forcado prometiam grande *performance*. Para a sessão de estreia, realizada em 15 de dezembro de 1883, anunciou-se que “seis bravos valentes touros” animariam a tarde. A função seguiu completamente o típico ritual, com todas as roupas, cortesias e procedimentos.

O notório toureiro e empresário utilizou a experiência que vinha acumulando em outras cidades, mobilizando estratégias para atrair tanto as elites quanto os mais populares, de forma a viabilizar financeiramente o caro espetáculo. Procurou se instalar em uma região mais nobre da cidade, mas que fosse também acessível a todos. Além disso, ofereceu um amplo espectro de ingressos: lugares no sol a 1\$000, na sombra a 2\$000 e camarotes para cinco pessoas a 15\$000¹⁸. Os bilhetes foram vendidos

¹⁷ Gazeta da Bahia, 15 de dezembro de 1883, p. 2.

¹⁸ A separação do público entre o sol e a sombra era emblemática nas touradas, estabelecendo um parâmetro de diferenciação social. Os que podiam pagar um pouco mais ficavam preservados do calor, assistindo de forma mais

com antecedência em vários estabelecimentos de Salvador: no Restaurante Novo Mundo (localizado no Jardim Riachuelo, no Comércio), na Pastelaria 2 de julho (rua Direita do Palácio, no centro histórico) e na Loja Campello (rua Nova das Princesas, também no Comércio)¹⁹.

Como de costume, a companhia encerrou o anúncio afirmando que não poupava esforços para organizar o melhor espetáculo possível, rogando à população que a apoiasse com sua presença. Na verdade, houve uma curiosa peculiaridade na primeira propaganda publicada nos jornais soteropolitanos, algo que talvez tenha relação com o fato de Salvador não receber muitas sessões de tauromaquia: uma indicação de comportamentos a serem observados pela assistência. Com o subtítulo de “Advertência ao público e prevenção da Ilma. autoridade que presidir o espetáculo” alertou-se, entre outros, que:

[...]

3º. Não se consentirá atirar à praça qualquer objeto que por qualquer forma possa prejudicar os lidadores ou mesmo bulir com os touros quando estes pulem a primeira barreira;

[...]

5º. Toda pessoa que não atenda o que fica dito será posta à disposição da autoridade²⁰.

Para o segundo espetáculo, previsto para 25 de dezembro, alguns ajustes foram feitos: um número maior de anúncios foi publicado nos jornais; ampliou-se a possibilidade de compra dos ingressos, que passaram a ser vendidos também no próprio curro e na loja Ao Pelicano, localizada em frente à Alfândega; criou-se um novo bilhete: 3\$000 para entrada individual no camarote; e novas atrações foram oferecidas²¹.

confortável às provas. Os mais ricos iam mesmo para o espaço restrito dos camarotes.

¹⁹ Gazeta da Bahia, Salvador, 15 de dezembro de 1883, p. 2.

²⁰ Gazeta da Bahia, Salvador, 15 de dezembro de 1883, p. 2.

²¹ Gazeta da Bahia, Salvador, 22 de dezembro de 1883, p. 2.

Não conseguimos saber se isso se deveu à falta de público na primeira sessão. Nos jornais consultados, não encontramos nenhum comentário sobre o evento. De toda forma, a própria companhia reconheceu que houve falhas na estreia, notadamente relacionadas à má qualidade dos touros, que, como vimos, era um problema comum na trajetória da prática no país. Garantindo que tudo seria aperfeiçoado, uma vez mais a companhia rogou ao público que comparecesse à praça para prestigiar a apresentação²².

Desta vez, a repercussão foi maior. A *Gazeta da Bahia*, em nota publicada na primeira página, elogiou muito o espetáculo, tanto a qualidade dos touros quanto dos artistas, observando que a assistência participou e aplaudiu enfaticamente²³. Ainda assim, surgiu uma polêmica, fomentada por um anônimo que criticou a *performance* dos animais e toureiros. Aproveitando o fato para tentar atrair mais público, a companhia anunciou para as provas de 13 de janeiro de 1884:

Atendendo a um artigo de um anônimo publicado no Jornal de Notícias de segunda-feira, e sendo inexato o que o mesmo anônimo diz, contestando a empresa ser ele um cavalheiro conhecido por “Grego”, para bem da desafiante das partes, botará nesta corrida um touro à disposição deste senhor, ou de mais alguém que queira divertir-se, e ganhará 10\$000 por cada par de bandarilhas que meter em lugar competente²⁴.

Percebe-se a articulação de duas estratégias comuns na trajetória das touradas: o incentivo às polêmicas, que garantia uma publicidade extra, e o incremento da possibilidade de participação do público. Convocar amadores para encarar touros nas arenas, a chamada “prova dos curiosos”, era uma ocasião muito esperada pelos apaixonados pela tauromaquia.

A partir de fevereiro de 1884, a companhia passou a anunciar que se apresentaria no Polytheama Bahiano, teatro construído

²² *Gazeta da Bahia*, Salvador, 22 de dezembro de 1883, p. 2.

²³ *Gazeta da Bahia*, Salvador, 27 de dezembro de 1883, p. 1.

²⁴ *Gazeta da Bahia*, Salvador, 12 de janeiro de 1884, p. 2.

na propriedade de Jacintho Alves de Sá, comprada por Luis Ferraro, localizada na Rua Ferreira França, onde o curro estava instalado. O estabelecimento foi inaugurado com as corridas de touros (PAIXÃO, CASTRO, 1936).

Futuramente, a partir de 1886, o Polytheama Bahiano, reformulado e dirigido por um grupo de capitalistas, se tornaria um dos mais importantes da capital. Nesse teatro, foram apresentadas à população soteropolitana várias novidades, entre as quais o cinema, em 1897 (FREITAS, 2007). A casa também acolheu relevantes atividades políticas, algumas delas protagonizadas por Rui Barbosa.

Foi nesse espaço que ocorreu um dos momentos áureos das touradas em Salvador: funções com a atuação de Francisco Pontes. Em 17 de fevereiro de 1884, o renomado toureiro estreou em grande *performance*. No programa, houve outra novidade: Gangrena enfrentou um touro em “aspas nuas”²⁵, isto é, sem passar pela embolação, processo destinado a colocar armações de couro e metal nos cornos, para que não ferissem os toureiros. Na tauromaquia, isso era considerado uma prova de coragem.

A intenção de Pontes era sempre ampliar o público. Para tal, em certas ocasiões chegou a baixar o preço dos ingressos. Os camarotes passaram a custar 12\$000, sendo vendidas entradas avulsas a 2\$000; para crianças de até 10 anos, cobrava-se metade do valor. Cada vez mais explicitamente se prometia um grande desempenho: “Todos os artistas da companhia se esmerarão nesta tarde para que esse espetáculo fique gravado na memória de todos os espectadores como o mais interessante que se tem efetuado nesta capital”²⁶.

Pontes continuou atuando e usando seu arsenal de novidades, estratégia comum em sua trajetória. Ele sabia que precisava oferecer, a cada semana, novas atrações para que o público se sentisse estimulado a ir e voltar ao redondel. No caso da função programada para o dia 9 de março de 1884, anunciou-se

²⁵ Gazeta da Bahia, Salvador, 16 de fevereiro de 1884, p. 2.

²⁶ Gazeta da Bahia, Salvador, 2 de março de 1884, p. 2.

um espetáculo pirotécnico e uma prova conduzida por toureiros crianças, algo que hoje pareceria inaceitável, mas que na época era muito apreciado pela assistência²⁷.

Além disso, com pedidos de desculpas pela qualidade dos touros apresentados na sessão anterior, anunciou-se que foram adquiridos os mais ferozes animais da região, oriundos da Mata de São João, de propriedade de Manuel José dos Santos. Mais ainda, informou-se que seriam executadas as mais distintas e atraentes sorte, isso é, técnicas que demonstravam a habilidade dos toureiros²⁸.

Para as provas de 23 de março, o empresário anunciou que pela primeira vez na cidade haveria a *performance* de um amador, José Antônio Machado, sempre seguindo a moda portuguesa²⁹. Em Salvador, aliás, não encontramos registro de corridas realizadas pelo modelo espanhol: o touro não era morto, valorizava-se o toureio a cavalo e havia sempre a participação dos forcados³⁰.

Outra inovação já largamente testada em outras cidades foi apresentada em uma sessão realizada em 3 de abril: a atuação de uma toureira, Idalina Villaça, “a qual tem recebido aplausos pelo arrojo que tem mostrado nas terras onde tem trabalhado”³¹. Em outras localidades, no mesmo período, tal participação foi sempre polêmica: de fato, ainda era pouco comum mulheres desempenharem uma função pública, ainda mais dessa natureza, tão relacionada à masculinidade. Não conseguimos saber o que houve em Salvador, pois os jornais não comentaram o fato.

Outra regularidade na trajetória de Pontes pode ser observada na função de 6 de abril: a realização de touradas beneficentes, com a renda revertida para alguma “causa nobre”, no caso de

²⁷ Gazeta da Bahia, Salvador, 9 de março de 1884, p. 2.

²⁸ Gazeta da Bahia, Salvador, 9 de março de 1884, p. 2.

²⁹ Gazeta da Bahia, Salvador, 23 de março de 1884, p. 2.

³⁰ Para um debate sobre as duas modas de toureio, ver Capucha (1988).

³¹ Gazeta da Bahia, Salvador, 30 de março de 1884, p. 2.

Salvador, para as obras do novo Hospital de Caridade³². Trata-se da mais antiga casa de saúde da Bahia, gerenciada pela Santa Casa da Misericórdia, futuramente renomeada para Hospital Santa Izabel, até os dias de hoje um dos mais tradicionais da cidade.

O empresário, com essa postura, em geral, atingia dois objetivos: um deles pessoal, pois ele, de fato, em várias situações demonstrou envolvimento com causas sociais; outro de interesse comercial, criar uma imagem positiva para a prática, por vinculá-la a temas valorizados pela sociedade de seu tempo.

Com isso, Pontes ampliava sua fama. Muitas foram as honrarias que recebeu. No caso de Salvador: “A mesa da Santa Casa entregou-lhe o diploma de irmão e um lindo *bouquet*, declarando haver deliberado, em sessão de sábado, inscrever o nome desse artista no livro de honra da irmandade”³³. A função de 13 de abril, aliás, foi também beneficente, dedicada à Real Sociedade Portuguesa da Beneficência 16 de setembro³⁴.

Em 20 de abril, a companhia de Pontes se despediu da cidade. Pelo que conseguimos identificar nos jornais, os toureiros eram constantemente aplaudidos, especialmente Pontes, como ocorria com frequência em outras cidades. Todavia, aparentemente, o interesse não foi tão intenso quanto esperava o empresário, sendo a afluência de público limitada. É possível argumentarmos que isso tinha menos a ver com restrições à prática e mais com o fato de que a cidade não possuía ainda uma vida pública tão movimentada.

4 Terceiro momento: touradas e *sport* – o auge e o fim

Nos anos finais do século XIX, o campo esportivo começou a se organizar em Salvador, processo que somente daria passos mais seguros na primeira década da centúria seguinte (ROCHA JUNIOR, 2011).

³² Gazeta da Bahia, Salvador, 6 de abril de 1884, p. 2.

³³ Gazeta da Bahia, Salvador, 8 de abril de 1884, p. 1.

³⁴ Gazeta da Bahia, 13 de abril de 1884, p. 2. Essa sociedade desempenhou um importante papel na Salvador do século XIX, notadamente no que se refere à oferta de serviços de saúde.

Logo se estabeleceu uma curiosa relação entre as touradas, uma prática que, mesmo com mudanças, vinha do período colonial e lembrava o outrora colonizador, e o esporte, que tinha ares de novidade e conectava a experiência local com certos parâmetros simbólicos de outros países europeus (notadamente França e Inglaterra). Como ocorrera em outras cidades, em Salvador, as corridas de touros chegaram a ser encaradas como uma prática esportiva.

Mais do que frequentarem o mesmo espaço simbólico, havia atividades em comum promovidas pelos adeptos da tauromaquia e do esporte. Por exemplo, em 1898, realizou-se no Derby Club do Rio Vermelho algumas corridas de touros em benefício da sociedade filarmônica³⁵. O primeiro hipódromo da Bahia tornou-se, nos anos finais do século XIX, um centro de entretenimento da capital soteropolitana.

Da mesma forma, já em 1908, a festa de um importante clube náutico foi realizada no curro. As imagens mobilizadas pela notícia aos olhares contemporâneos chegam a parecer opostas do que se espera do esporte.

o redondel do Largo de Nazareth alindou-se para a festa do sempre querido *Club* de Natação e Regatas S. Salvador; e mui acertadamente, porque raríssimas vezes apanhará tamanha concorrência. Feitas as cortesias, o sr. Major da Joaquim da Costa Freitas, que servia de inteligente, ordenou a saída do 1º touro, português, para o cavaleiro Adelino Raposo, que, oferecendo a sorte ao Presidente da Federação e do S. Salvador, cravou com arte 4 ferros, sendo que o último, curto de palmo, arrancou prolongado palmeio à assistência³⁶.

O touril se encontrava instalado em uma região mais próxima da região do Comércio: “Pessoas existem entre nós e não poucas que presenciaram touradas entre 1904 e 1908, no Largo de

³⁵ Correio de Notícias, Salvador, 15 de julho de 1898, p. 1.

³⁶ Revista do Brasil, Salvador, 15 de abril de 1908, p. 24.

Nazaré, num campo situado nos fundos do atual Ginásio São Salvador, e possivelmente no Largo do Barbalho” (SILVA, 1957, p. 22). Além disso, há indícios de que, nessa mesma ocasião, corridas de touros seguiam sendo realizadas no Derby Club do Rio Vermelho.

Naquela primeira década do século XX, as touradas eram anunciadas nas colunas de esporte dos periódicos soteropolitanos, especialmente na prestigiosa *Revista do Brasil*. Vejamos uma dessas ocasiões, na qual se destacava a participação de uma artista espanhola: “a senhorita Josefa Mola, intrépida e simpática toureira, mais conhecida nos redondéis espanhóis, portugueses, mexicanos e do sul da República por La Pepita”³⁷. Ela já atuara no Rio de Janeiro, despertando grande interesse e desencadeando intenso debate público sobre os novos papéis sociais desempenhados pelas mulheres.

Em Salvador, a *performance* feminina teve também grande repercussão. O público compareceu em peso à arena: “A notícia da estreia da senhorita Josefa Meola e a promessa de atraentes sortes, feita nos cartazes, levou ao redondel do Largo de Nazareth animadora e seleta concorrência, no domingo último”³⁸.

O público parece não ter se decepcionado, aplaudindo intensamente o espetáculo. Na verdade, desde o período colonial, as corridas de touros não logravam tanto sucesso. A trupe de artistas contribuía para tal, inclusive graças à atuação de um grande toureador, Adelino Raposo, que sempre se destacava por onde se apresentava, inclusive na capital da República: no Rio de Janeiro era um dos mais apreciados artistas tauromáquicos do momento.

Homens e mulheres transformaram os eventos tauromáquicos em ocasiões que marcavam uma nova relação da população com a cena pública, especialmente estabelecida por meio dos entretenimentos que progressivamente se organizavam na cidade. Todavia, essa mesma dinâmica, sinal de modernização das estruturas sociais, coloca em xeque as touradas, processo

³⁷ Revista do Brasil, Salvador 15 de março de 1908, p. 28.

³⁸ Revista do Brasil, Salvador 15 de março de 1908, p. 28.

similar ao que ocorreu no Rio de Janeiro, já nos anos 1870, e em São Paulo, na década final do século XIX. Em Porto Alegre, tal fato não chegou a se manifestar de forma intensa.

Alguns setores sentiam que Salvador estava preso ao seu passado. Leite (1996), ao falar das aspirações de modernização que emergiram na capital soteropolitana, percebe que se tentava atender “a um interesse comum de certos segmentos elitistas da sociedade local, inconformados com a cidade em que viviam” (p. 18). Passou a grassar uma ansiedade por mudanças, uma compreensão de que, para se instaurar o novo, devia-se a todo custo apagar o velho. A perspectiva foi a de destruir e reconstruir sem qualquer preocupação com a manutenção ou a preservação do patrimônio.

Em Salvador, o projeto de modernização, como ocorreu em várias cidades, manifestou-se não somente na promoção de reformas urbanas, mas também em interferências nos hábitos e modos de vida da população (LEITE, 1998; SAMPAIO, 2005). Como sugere Flexor (1997):

a noção de civilização, que então se impunha, estava ligada ao modelo urbano das cidades europeias, especialmente Paris, paradigma de urbanização moderna e bem sucedida. A moda de vestir e peças do mobiliário de higiene parisienses (...), companhias teatrais francesas, festas de salões e saraus, cafés, confeitarias, hotéis, o aprendizado do idioma e consumo de produtos franceses invadiram a Bahia do período. Londres e Berlim eram outros modelos (s. p.).

Nesse cenário, as touradas passaram a ser relacionadas ao passado que se desejava por fim, encaradas como indícios de um tempo que se queria superar. A conformação de uma cultura eminentemente urbana, o desenvolvimento de novas sensibilidades para com os animais, bem como a crítica a atividades consideradas “bárbaras”, progressivamente abalaram o prestígio das corridas de touros, contrastadas com o perfil dos esportes, encarados como símbolos de progresso, adotados e exaltados por aqueles que desejavam “civilizar” a cidade.

Pode-se perceber, no que tange às touradas, a típica ambiguidade da modernidade. Neves (2002) sugere que as

vivências, inclusive as corporais, tornaram-se repletas de incongruências, gerando sensações simultâneas de ganhos e perdas. Por mais que a prática por algum tempo ainda seguisse apreciada por muitos, paulatinamente foi desaparecendo da cidade, à medida que outras experiências tidas como modernas eram valorizadas e incorporadas como representações dos novos parâmetros sociais desejados.

De qualquer maneira, isso não se deu de uma hora para outra. Em 1914, ironizou um jornalista o projeto de lei do deputado Elysio de Araujo, que procurava proibir, entre outras práticas, as touradas³⁹: “Não seria mais prático que o sr. Araújo fosse apanhar moscas se não tinha outra coisa a fazer?”⁴⁰. Efetivamente, somente em 1934 a legislação determinou em todo território nacional o fim das corridas de touros⁴¹.

Considerações finais

A investigação da experiência das touradas promovidas em Salvador ajuda a reforçar algumas compreensões já colhidas em estudos anteriores sobre a presença da prática em cidades brasileiras, notadamente a percepção sobre o quanto a tauromaquia nos auxilia a refletir sobre as ambiguidades da adesão a ideias de modernidade.

Em Salvador, no período colonial, a organização de eventos tauromáquicos estava diretamente relacionada a datas importantes do Estado, dependendo desse para que fossem promovidos. O público não pagava para entrar, tampouco havia qualquer expectativa de lucro financeiro. Tratava-se eminentemente de uma atividade destinada a mobilizar símbolos que fortaleciam as estruturas de poder. É provável, até mesmo pela sua pioneira

³⁹ Na verdade, o projeto buscava punir qualquer tipo de maus tratos contra os animais.

⁴⁰ A Notícia, Salvador, 23 de dezembro de 1914, p. 6.

⁴¹ BRASIL. Decreto n. 24.645 de 10 de julho de 1934. Estabelece medidas de proteção aos animais. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=39567>. Acesso em: 3 mai.2014.

condição de capital, que as primeiras touradas do país tenham sido realizadas na cidade da Bahia.

Com o fim do período colonial, as touradas passaram a adotar um modelo empresarial, sem subsídios do Estado. Proprietários de companhias tauromáquicas articulavam-se com donos de anfiteatros (por vezes, tipicamente praças de touros, por outras, espaços adaptados) e criadores de gado para oferecerem espetáculos que se pagavam com os ingressos vendidos. Em cidades nas quais mais prontamente se desenvolveram iniciativas empresariais, inclusive relacionadas à estruturação de um mercado de entretenimento, as corridas de touros mais rapidamente se organizaram. A demora na gestação desse cenário em Salvador ajuda a entender porque a prática, embora existindo, encontrou dificuldades para se consolidar.

O desenvolvimento econômico e urbano teve relação com a adesão a ideias de modernidade. O mesmo processo que ajudou a consolidar o novo modelo de touradas, paulatinamente também colocou a prática em xeque, já que trazia em seu bojo discursos “civilizatórios”. Com o decorrer do tempo, as corridas de touros passaram a ser criticadas, perseguidas e proibidas.

A própria forma de considerar as touradas foi variando. Inicialmente eram tidas, de forma generalizada, como entretenimento. Posteriormente, passaram a fazer parte das atividades cênicas. Conforme o teatro foi se tornando mais refinado, foram acolhidas no “guarda-chuva” do esporte, de onde, por fim, foram expulsas quando preponderou um modelo de prática esportiva que valorizava noções de higiene e saúde. Em Salvador esse processo foi menos delineado, já que o campo esportivo se organizou tardiamente.

De toda forma, mesmo com intensidade menor do que em outras cidades, as touradas foram para Salvador uma importante prática cultural, constituindo-se em um teatro público, no qual se delinearam os distintos lugares e comportamentos sociais. Além disso, tão relevante quanto o aspecto anterior, as corridas de touros contribuíram para a distensão dos costumes, inclusive para as mulheres, que aos eventos tauromáquicos podiam comparecer, inaugurando uma experiência pública mais costumeira.

Referências

BRANDÃO, Darwin. *Cidade do Salvador: caminho do encantamento*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

CAPUCHA, Luís. O campo da tauromaquia. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Lisboa, n. 5, p. 147-165, 1988.

CONDE, Renata de Lima, MASSIMI, Marina. Corpo, sentidos e coreografias: narrativas de uma festividade na Bahia do século XVIII. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 215-234, jun. 2008.

FERREIRA, Letícia dos Santos. *Amor, sacrifício e lealdade: o donativo para o casamento de Catarina de Bragança e para a paz de Holanda (Bahia, 1661-1725)*. 2010. Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. *J. J. Seabra e a reforma urbana de Salvador (Bahia-Brasil)*. 49º ICA - Congresso Internacional de Americanistas, 1997. Disponível em: <<http://www.naya.org.ar/miembros/congresos/contenido/49CAI/Flexor.htm>>. Acessado em: 12. jan. 2011.

FREITAS, Elizabeth Jorge da Silva Monteiro de. *Gestão de teatros: os desafios do mercado*. 2007. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras Gomes, FERNANDES, Ana. Idealizações urbanas e a construção da Salvador moderna: 1850/1920. In: GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras Gomes, FERNANDES, Ana (org.). *Cidade & História: modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*. Salvador: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFBA, 1992. p. 53-68.

KARLS, Cleber Eduardo, MELO, Victor Andrade de. Tradição e modernidade: as touradas na Porto Alegre do século XIX. *História – Unisinos*, São Leopoldo, v. 18, p. 352-363, 2014.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *E a Bahia civiliza-se: ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana (1912-1916)*. 1996. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento, ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira, SANTOS, Henrique Sena dos. *Esporte, cidade e modernidade: Salvador*. In: MELO, Victor Andrade de (org.). *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 213-239.

LEITE, Marcia M. S. Barreiros. Socialização feminina: cultura e lazer da mulher de elite em Salvador na primeira República. In: PASSOS, Elizete, ALVEZ, Ívia, MACÊDO, Márcia (orgs.). *Metamorfoses*: gênero em perspectiva interdisciplinar. Salvador: UFBA/NEIM, 1998. p. 165-180.

LUCA, Tania Regina de. História do, no e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-53.

MATTOSO, Kátia M. de Queiroz. *Bahia*: a cidade de Salvador e seu mercado no século XIX. São Paulo/Salvador: HUCITEC/Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.

MELO, Victor Andrade de. Uma diversão adequada? As touradas no Rio de Janeiro do século XIX (1870-1884). *História*, Franca, v. 32, n. 2, p. 163-188, dez. 2013a.

MELO, Victor Andrade de. As touradas nas festividades reais do Rio de Janeiro colonial. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, v. 19, n. 40, p. 365-392, dez. 2013b.

MELO, Victor Andrade de, PERES, Fabio de Faria. *A gymnastica nos tempos do Império*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

NEVES, Erivaldo Fagundes. *História regional e local*: fragmentação e recomposição da história na crise da modernidade. Salvador: UEFS/Arcadia, 2002.

OLIVEIRA, Lúcia Lipp. *O Brasil dos imigrantes*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

OTT, Carlos B. *Formação e evolução étnica da cidade do Salvador* – Tomo I. Salvador: Prefeitura Municipal de Salvador, 1955.

PAIXÃO, Mucio da, CASTRO, René de. *O teatro no Brasil*: obra posthuma. Rio de Janeiro: Editora Moderna, 1936.

PEREIRA, Ester Liberato. *As práticas equestres em Porto Alegre*: percorrendo o processo de esportivização. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano), Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PINHEIRO, Eloísa Petti. *Europa, França e Bahia*: difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador). 2ª ed. Salvador: EdUFBA, 2011.

ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira da. *Esporte e modernidade*: uma

análise comparada da experiência esportiva no Rio de Janeiro e na Bahia nos anos finais do século XIX e iniciais do século XX. 2011. Tese (Doutorado em História Comparada), Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SAMPAIO, Consuelo Novais. *50 anos de urbanização: Salvador da Bahia no século XIX*. Rio de Janeiro: Versal, 2005.

SANTOS, Flávia da Cruz, MELO, Victor Andrade de. *Entre o rural e o urbano: as touradas na São Paulo do século XIX (1877-1889)*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, v. 463, p. 134-147, 2014.

SILVA, Alberto. *A cidade do Salvador: aspectos seculares*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1957.

SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

Endereço para correspondência

Victor Andrade de Melo

Programa de Pós-Graduação em História Comparada

Largo de São Francisco de Paula n. 1, sala 311 – Centro – Rio de Janeiro
– RJ – Brasil – CEP 20051-070

Tel.: (21) 2221-0034 – R.301

E-mail: victor.a.melo@uol.com.br